

Guia 1

CADERNO DE RESUMOS: MINICURSOS

XXVII Semana de Letras UFPR

Programação simples:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1QgLwFi9KbWppgHRls31fjFxT6vp6IO5CdHdhcTTH17w/edit?usp=sharing>

Formulário de inscrição de ouvintes:

<https://forms.gle/wbWPv3Fu4hWYVSAx8>

SEGUNDA-FEIRA (26/05)

14h-17h

Anfi 1100 (DP1)

Linguística indígena (Tupi) - *Gustavo Godoy, Guillaume Thomas, Victor Hugo Oliveira Silva e Whera Celio Timoteo*

Neste minicurso apresentaremos pesquisas de cunho linguístico e antropológico introduzindo as línguas e culturas Avá-guarani e Guaraní mbyá, línguas do tronco Tupi da família tupi-guarani. Discutiremos as metodologias e abordagens antropológicas e linguísticas para todos os que têm interesse, seja em descobri-las, seja em estudá-las.

14h-17h

Sala: 1112 (DP1)

Poesia nada exemplar: exercícios – *Matheus Leschnhak*

Esse minicurso tem como objetivo desenvolver práticas do que estou chamando de *poesia nada exemplar*, aos moldes de uma oficina de escrita. Poesia não-convencional, poesia não-original, “poesia por outros meios no novo século” (citando o título do livro de Marjorie Perloff [2013]), “não-poesia”, poesia automática, poesia constrangida – ou simplesmente poesia, *poiésis*, criação (criativa ou não). O chiste e a abertura teórica permitem essa abrangência do que venha ou não venha a ser esse tipo de poesia que, por sua própria emergência, diferencia-se de uma ideia cristalizada no imaginário social do que seria a poesia dita “exemplar” (sentimentalista, idealizada, inspirada e inspiracional). (Não que a poesia não possa ser nenhuma dessas coisas, mas *não só*, e *nem sempre*). Assim, nessa oficina, que terá momentos dedicados à reflexão sobre esses tópicos, mas

será eminentemente prática, iremos explorar um pouco essas possibilidades outras de escrever poesia, a partir de exercícios de criação poética (sim, redundância) tanto individuais quanto coletivos, aventurando-nos, por exemplo, desde a receita para fazer um poema dadaísta de Tristan Tzara (1920) até os poemas-googlagem de Angélica Freitas (2016). Únicos requisitos: vontade de escrever poesia e de tentar técnicas de escrita *inexemplares*.

TERÇA-FEIRA (27/05)

14h-16h

Sala: 111 (DP1)

Intercompreensão em línguas eslavas (3ª edição) – *Aleksandra Marcela Piasecka-Till, Érica Sarsur, Mirna Voloschen e Tetiana Mykhailova*

Dando continuidade ao trabalho iniciado na XXV Semana de Letras (2023), por meio da “Oficina Experimental de Intercompreensão em Línguas Eslavas”, seguido do minicurso “Descobrimos e analisamos línguas eslavas” (XXVI Semana de Letras, em 2024), o presente minicurso tem o objetivo de oferecer aos estudantes passos mais aprofundados no trabalho com essa família de línguas. Em um caminho que se assemelha a uma espiral ascendente, esta sequência de minicursos tem buscado promover uma sensibilização dos estudantes de Letras para a família eslava, com suas peculiaridades e por meio das semelhanças existentes entre as línguas focalizadas. Este trabalho é uma iniciativa no sentido de fortalecer ações de visibilização e valorização dos estudos eslavos realizados no Brasil, seguindo a proposta de Puh (2020). A proposta desta edição é proporcionar aos estudantes o contato com documentos em seis línguas eslavas - croata, polonês, tcheco, búlgaro, ucraniano e russo - e, num segundo momento, um trabalho mais aprofundado em duas delas: polonês e ucraniano. O diferencial em relação às edições anteriores está no material, que contará com vocabulário familiar nas seis línguas citadas e o caráter de aprofundamento em línguas específicas.

14h-17h

Anfi 700 (DP1)

Linguística indígena (Guató e Kamakã) - *Kristina Balykova e João Arthur Pugsley Grabl*

Neste minicurso apresentaremos pesquisas de cunho linguístico e antropológico introduzindo as línguas e culturas Guató e Kamakã, a primeira língua do tronco Macro-Jê, a segunda língua isolada. Discutiremos as metodologias e abordagens antropológicas e linguísticas para todos os que têm interesse, seja em descobri-las, seja em estudá-las.

14h-17h

Sala: 114 (DP1)

Práticas didáticas contemporâneas no ensino de língua inglesa – Natan César Batista

O minicurso Práticas didáticas contemporâneas no ensino de língua inglesa tem como proposta discutir e aplicar abordagens inovadoras que respondam às demandas atuais do ensino de línguas em contextos diversos. Partindo da ideia de que ensinar inglês vai além da transmissão de estruturas Linguísticas, o curso abordará aspectos interculturais, identitários e emocionais do aprendente (Kramsch, 2009; Mercer, 2016), bem como o papel do professor como mediador e designer de experiências de aprendizagem significativas (Freire, 1996). Os objetivos incluem apresentar metodologias ativas e estratégias motivacionais (Dörnyei, 2001), explorar o uso de tecnologias digitais no ensino (Reinders, 2019) e promover a troca de experiências entre (futuros) educadores. O objetivo central é articular teoria e prática de forma significativa no contexto do ensino de língua inglesa, promovendo uma compreensão crítica das abordagens didáticas contemporâneas e incentivando sua aplicação em situações reais de sala de aula. Busca-se, assim, estimular educadores a serem capazes de refletir sobre suas escolhas pedagógicas, adaptar estratégias aos perfis dos aprendizes e criar experiências de aprendizagem que sejam contextualizadas, engajadoras e alinhadas às demandas atuais do ensino de línguas. A metodologia adotada será centrada em discussões expositivas, colaborativas e práticas, com o uso de recursos multimodais, incluindo slides, plataformas digitais, materiais impressos e tarefas comunicativas, conforme os princípios do Task-Based Learning (Ellis, 2003). No primeiro momento, os participantes dialogarão com o ministrante sobre autores que abordam práticas didáticas no ensino de línguas, promovendo uma leitura guiada e contextualizada. Em seguida, haverá uma breve discussão coletiva e um espaço destinado à troca de experiências entre os participantes. Por fim, serão criadas e apresentadas propostas de materiais didáticos que podem ser adaptadas e aplicadas em sala de aula, articulando teoria e prática de forma significativa, com orientação do ministrante. A mediação será dialógica e reflexiva, incentivando a análise crítica da prática docente e a construção coletiva do conhecimento. A bibliografia de apoio inclui autores como Celce-Murcia (2001), Ellis (2003), Dörnyei (2001), Freire (1996), Kramsch (2009), Mercer (2016) e Reinders (2019), cuja contribuição tem sido fundamental para a renovação das práticas didáticas no ensino de línguas estrangeiras.

14h-18h

Anfi 500 (DP1)

Um Corpo nada exemplar: por um Letramento Corporal Crítico que descolonize corpos na Escola (parte 1) – Anna Beatriz Paula

Este minicurso parte de conceitos da Cognição Incorporada (Maturana) para oportunizar debates sobre como os corpos percebem, constroem e compartilham saberes - individual e coletivamente. Apresenta o Letramento Corporal Crítico como uma resposta decolonial do Sul global,

denunciando a alienação corporal (Freire) reinante no ambiente escolar e a invisibilização das colonialidades a que os corpos estão submetidos. Busca-se, por fim, refletir acerca do letramento corporal crítico necessário para a construção de uma escola inclusiva, pacífica e afetiva.

*** Este minicurso, excepcionalmente, tem carga-horária de 8 horas, e ocorrerá em duas sessões (uma na terça, outra na quarta-feira, no mesmo horário); para conseguir o certificado, é necessário participar de ambas as sessões.

QUARTA-FEIRA (28/05)

8h-10h

Anfi 1100 (DP1)

Mais de 94 formas de se dizer 94 palavras – *Natalia Zaniol Kayamori e Cecília Debiasi Duarte*

Sendo a tradução uma área do pensamento que nunca se esgota, é necessário que cada vez mais alunos reflitam sobre o tema e tomem gosto pela arte de traduzir, ainda mais num mundo altamente globalizado, mas que ainda carece de interculturalidade. Por isso, queremos oferecer um minicurso para compartilhar ideias advindas de diferentes teorias da tradução e técnicas tradutórias entre os alunos tradutores por meio do texto Hello, Old Friend, um miniconto publicado na coluna “Tiny Love Stories” no New York Times. Para isso, faremos uma leitura coletiva do texto proposto, seguida de sugestões coletivas de tradução. A discussão coletiva do texto, assim como a tradução coletiva e individual, e sua crítica tradutória serão guiadas principalmente por textos de grandes pensadores da tradução, como Christiane Nord, Rosemary Arrojo e Friedrich Schleiermacher. O objetivo, entretanto, é que os alunos se sintam livres para pensar fora da caixa e trazerem ideias e experiências pessoais, para que todos nós sejamos enriquecidos pela experiência.

8h-10h

Sala: 112 (DP1)

Uma carta de ódio (e amor) à docência – *Juliana Silva Nunes*

Mesmo com o mundo dando todos os sinais de que seguir o caminho da Educação seria um erro, ainda escolhemos educar. Por quê? Mesmo frente às crises emocionais, ao sistema que insiste em trabalhar contra nós, aos (des)encontros com os os mais diversos tipos de professores, escolhemos ser firmes. Escolhemos fortalecer nossas raízes e chamar de casa nossa sala de aula. Esse minicurso é dedicado a todos e todas que cogitam deixar a licenciatura, que não se veem mais em sala de aula, que sentem que a educação está completamente perdida. Iremos desconstruir a visão tradicional de sala de aula e desenvolver um projeto de comunidade de ensino-aprendizagem, apresentando uma

nova perspectiva que traga de volta o que nos trouxe à docência. Vamos, também, revisitar as ideias de bell hooks e Paulo Freire e integrá-las à nossa prática pedagógica, gerando um pequeno roteiro de planejamento de aula baseado no letramento crítico, na acessibilidade e no acolher todo educando.

14h-16h

Sala: 111 (DP1)

Absurdo, grotesco e ficção histórica nos contos “Copacabana” e “Anos de chumbo”, de Chico Buarque – *Roberta Lehmann*

A proposta deste minicurso, é uma leitura conjunta dos contos “Copacabana” (2021) e “Anos de chumbo” (2021), de Chico Buarque. A leitura dos contos será realizada em concatenação com textos teóricos e críticos relevantes para a perspectiva adotada, quais sejam: O mito de Sísifo (2024), de Albert Camus; A cultura popular na Idade Média e no Renascimento (2010), de Mikhail Bakhtin; O grotesco: configuração na pintura e na literatura (2013), de Wolfgang Kayser e alguns dados históricos do período da ditadura civil-militar no Brasil. Busco discutir como os dois contos de Chico Buarque podem ser lidos como alegorias do absurdo no que se refere ao Brasil durante a ditadura.

14h-16h

Sala: 108 (DP1)

O subestimado universo dos quadrinhos japoneses voltados para o público feminino – *Cristhielle Tieko Ogura*

A cultura pop japonesa, em especial os quadrinhos, conhecidos como mangás, tem se mostrado um forte fenômeno no cenário mundial. Segundo a Technavio Statistics (2025), a previsão é de que o tamanho do mercado de mangás aumente em 28,15 bilhões de dólares, a um CAGR (Taxa de Crescimento Anual Composta) de 22,7% entre 2024 e 2029. Embora possam reivindicar de forma legítima grande parte do sucesso desse tipo de mídia atualmente, os mangás feitos para mulheres ainda são frequentemente considerados como “cidadãos de segunda classe”. Por ser um tipo de mangá cujas bases foram estruturadas em um contexto cultural feminino muito específico e recluso, sua linguagem visual e narrativa é bastante diferente dos mangás voltados para um público masculino, muitas vezes dificultando sua compreensão por leitores homens. Por consequência, foram historicamente vistos com desdém, recebendo pouca atenção pelos estudiosos da área, que eram em sua grande maioria homens. Apesar de ser um dos poucos mercados de quadrinhos no mundo com uma forte presença de autoras e consumidoras femininas, a elite intelectual do Japão foi e ainda é bastante dominada por homens. Mesmo quando os mangás para mulheres começaram a receber alguma atenção dos críticos, nos anos 70, a perspectiva ainda era muito centrada numa visão masculina. Muitos livros e referências que se propõem a discorrer sobre a “história dos mangás”, na realidade, acaba somente apresentando a história dos mangás para homens e, às vezes,

se restringindo a poucas citações de trechos pontuais da história dos mangás para mulheres ou de autoras. Isso fez com que o conhecimento sobre essas obras seja limitado e muito vezes errôneo até mesmo entre os fãs, que diversas vezes os definem como apenas “mangás de romance e fantasia”. Enquanto isso, a necessidade de se entender os mangás femininos se mostra cada vez mais importante, uma vez que eles também continuam a se fortalecer e até mesmo a influenciar diretamente outras áreas, como a literatura contemporânea japonesa. Autoras premiadas como Banana Yoshimoto (1964-), Shion Miura (1976-) e Kaori Ekuni (1964-) já se manifestaram abertamente sobre a influência desses mangás em suas obras. Sendo assim, temos como objetivo apresentar a história e as características dos mangás voltados para mulheres, que foram histórica e socialmente negligenciados durante muitos anos, não só no Japão como no em outras partes do mundo. Para isso, através de estudos de autoras como Takahashi (2008), Shamooin (2008), Masuda (2015) e Dollase (2019), explicaremos como as bases desses mangás surgiram a partir das ilustrações, romances e poemas publicados nas revistas para meninas do início do século XX no Japão e como isso se reflete na maneira que esses mangás são estruturados narrativa e visualmente até os dias de hoje. Por fim, esperamos que esse panorama ajude a esclarecer possíveis equívocos comumente associados a definição, importância, características e influências dos mangás cujo público-alvo são as mulheres.

14h-18h

Anfi 500 (DPI)

Um Corpo nada exemplar: por um Letramento Corporal Crítico que descolonize corpos na Escola (parte 2) – Anna Beatriz Paula

Este minicurso parte de conceitos da Cognição Incorporada (Maturana) para oportunizar debates sobre como os corpos percebem, constroem e compartilham saberes - individual e coletivamente. Apresenta o Letramento Corporal Crítico como uma resposta decolonial do Sul global, denunciando a alienação corporal (Freire) reinante no ambiente escolar e a invisibilização das colonialidades a que os corpos estão submetidos. Busca-se, por fim, refletir acerca do letramento corporal crítico necessário para a construção de uma escola inclusiva, pacífica e afetiva.

*** Este minicurso, excepcionalmente, tem carga-horária de 8 horas, e ocorrerá em duas sessões (uma na terça, outra na quarta-feira, no mesmo horário); para conseguir o certificado, é necessário participar de ambas as sessões.

14h-18h

Anfi 700 (DP1)

Poesia anglo-saxônica: heroísmo, poder e discussões de gênero – *Sofia Lúcia Juk*

Este minicurso tem como objetivo introduzir os alunos à literatura em inglês antigo, através da leitura e discussão de uma seleção de poemas significativos para o conhecimento da cultura anglo-saxônica (sec. VIII–X), com uma abordagem interdisciplinar entre Literatura e História. Os trechos serão apresentados tanto em inglês antigo como em português e em inglês moderno, a fim de se apreciar o texto no idioma original assim como analisar escolhas de tradução, comparando diferentes edições do mesmo poema. Os poemas serão lidos levando em conta seu contexto histórico, oferecendo diálogos entre o cenário sociopolítico da Inglaterra anglo-saxônica tardia com a produção literária desse período, para uma compreensão holística dos textos. A obra à qual se dedica a maior parte do minicurso é o poema Beowulf, oferecendo uma análise crítica da narrativa e temas do épico através de uma abordagem histórica, girando em torno do eixo de legitimação de poder, heroísmo e papéis de gênero. Será discutido a presença de personagens femininas na poesia anglo-saxônica, dentro e fora de Beowulf, buscando entender os limites e possibilidades da mulher dentro dessas narrativas, assim como casos excepcionais de protagonismo feminino. O presente minicurso foi elaborado a partir da pesquisa feita para um trabalho monográfico da ministrante, que teve como tema a representação feminina em Beowulf, e recorreu em grande parte aos conceitos de John Niles, apresentados no livro *Homo narrans: The Poetics and Anthropology of Oral Literature* (1999); à obra *Language Sign and Gender in Beowulf* (1990) de Gillian Overing; aos trabalhos do historiador medievalista Matthew Firth, como a recente publicação *Early English Queens, 850–1000* (2024); e também à tradução do prof. Elton Oliveira Souza de Medeiros de Beowulf e outros poemas anglo-saxônicos, citada no minicurso em conjunto com as de Seamus Heaney e de J. R. R. Tolkien para fins didáticos.

20h30-22h10

Sala: 112 (DP1)

Tokyo Grand Guignol: Cyberpunk e Horror Corporal no Teatro Underground Japonês – *Karl Simone Campolin Feiden*

O minicurso trata-se de uma aula expositiva acerca do panorama geral do teatro underground japonês (Angura) e, mais especificamente, a obra da Tokyo Grand Guignol (trupe teatral envolvida no movimento do teatro underground japonês, ativa entre os anos de 1984 e 1986), e como os temas discutidos em suas peças, como horror corporal e avanço desenfreado da tecnologia impactaram a cultura pop japonesa, servindo como pioneiros do chamado cyberpunk japonês, além de apresentar e discutir alguns dos projetos de tradução das obras da trupe. Os objetivos do minicurso são: fomentar o interesse por teatro japonês, ainda muito pouco difundido no ocidente e, particularmente, no Brasil, em especial se tratando de autores ligados ao movimento

underground; divulgar e discutir a obra teatral da trupe Tokyo Grand Guignol, suas influências e seu impacto na literatura e cultura pop; apresentar e discutir os problemas da tradução de teatro japonês no ocidente. A bibliografia do minicurso envolve o livro “Theorizing the Angura Space: Avant-Garde Performance and Politics in Japan, 1960-2000”, de Peter Eckersall, as peças “Walpurgis” e “Mercurio” de Norimizu Ameya e Kikiyô Tagane e o livro “Unspeakable Acts: The Avant-garde Theatre of Terayama Shuji And Postwar Japan” de Carol Fischer Sorgenfrei, além dos artigos “Eternal Avant-Garde: The Theater of Shuji Terayama” de Edo Muric e “Performances of the Past: Angura and the Role of Theatre Art in Japanese National Politics”, de Oliver McArtor.

20h30-22h10

Sala: 113 (DP1)

Silvina Ocampo: o campo engenhoso da palavra na literatura – *Brenda Imbrunio*

O presente minicurso foi desenvolvido com base no plano de trabalho intitulado “A escrita engenhosa de Silvina Ocampo em *Las repeticiones*”, orientado pela Prof.a Dra. Karla Fernandes Cipreste, que tem como objetivo principal a análise do livro de contos “*Las repeticiones*”, da autora argentina Silvina Ocampo, a partir do viés humanista retórico. A pesquisa enfatiza o uso da palavra engenhosa no conjunto de narrativas que compõem a obra, explorando de que maneira o uso da linguagem, a construção estilística e os mecanismos retóricos empregados por Ocampo contribuem para a singularidade de sua escrita. Além disso, busca-se compreender como esses elementos dialogam com a tradição literária e os conceitos humanistas, utilizando a base teórica que permeia a pesquisa para refletir sobre os aspectos anti-pós-modernos da escrita de Ocampo.

20h30-22h10

Anfi 1100 (DP1)

Dalton Trevisan e a maldição provinciana – *Claudecir de Oliveira Rocha e Paulo Venturelli*

Este minicurso propõe um mergulho na complexa e conflituosa relação entre Dalton Trevisan e a literatura paranaense, cujos vínculos atravessam admiração, influência estética até ressentimento, ruptura, ódio, negação e isolamento. Desde o ataque ao poeta mais prestigiado de Curitiba, Emiliano Pernet, com o artigo “Emiliano, poeta medíocre” na revista *Joaquim* (1946), que o colocava como símbolo do atraso e do provincianismo cultural que tentaria enterrar, Dalton foi se afastando da literatura local, ao mesmo tempo que não conseguia se livrar da “maldição provinciana” que atravessa sua obra e que lhe deu singularidade. O que poucos sabem é como nasceu essa relação de ódio com a literatura local, como foi sua juventude literária, suas primeiras incursões literárias, e como sofreu várias influências estéticas que veio a negar durante toda sua vida.

Entre essas influências, destacamos Rodrigo Júnior, figura central no cenário literário local da primeira metade do século XX, é apresentado como mentor inicial de Trevisan, incentivando suas primeiras publicações e oferecendo críticas que, embora moderadas, apontavam tanto limitações quanto possibilidades em sua escrita poética juvenil. Serão exploradas as influências formais, temáticas e até éticas no estilo trevisaniano: a observação do cotidiano banal, a ironia corrosiva, o erotismo sombrio e o pessimismo urbano. O minicurso analisa esse embate entre Dalton e a literatura local não como mera rixa pessoal, mas como metáfora das tensões entre tradição e ruptura, centro e periferia, glória local e consagração nacional. Por fim, o curso também discutirá o conceito de “maldição provinciana”, assumido e renegado por Dalton, e a importância histórica da crítica incentivadora e da mediocridade como húmus criativo para o surgimento de grandes escritores.

QUINTA-FEIRA (29/05)

8h-10h

Sala: 112 (DPI)

Uma carta de ódio (e amor) à docência – *Juliana Silva Nunes*

Mesmo com o mundo dando todos os sinais de que seguir o caminho da Educação seria um erro, ainda escolhemos educar. Por quê? Mesmo frente às crises emocionais, ao sistema que insiste em trabalhar contra nós, aos (des)encontros com os os mais diversos tipos de professores, escolhemos ser firmes. Escolhemos fortalecer nossas raízes e chamar de casa nossa sala de aula. Esse minicurso é dedicado a todos e todas que cogitam deixar a licenciatura, que não se veem mais em sala de aula, que sentem que a educação está completamente perdida. Iremos desconstruir a visão tradicional de sala de aula e desenvolver um projeto de comunidade de ensino-aprendizagem, apresentando uma nova perspectiva que traga de volta o que nos trouxe à docência. Vamos, também, revisitar as ideias de bell hooks e Paulo Freire e integrá-las à nossa prática pedagógica, gerando um pequeno roteiro de planejamento de aula baseado no letramento crítico, na acessibilidade e no acolher todo educando.

14h-16h

Sala: Lab 02 (DPI)

Apesar de você: os mecanismos do silêncio e a construção da memória na ditadura – *Melissa Sayuri da Silva Belarmino*

Este minicurso tem como objetivo promover a reflexão interdisciplinar acerca dos mecanismos pelos quais o silêncio contribui para a construção de narrativas hegemônicas sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Articulando os aportes da Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1999; Orlandi, 2007) e a arqueologia foucaultiana do saber (Foucault, 2008), exploramos como o silenciamento atua como estratégia política de produção de sentidos, materializada em

práticas institucionais que eufemizam violências de Estado e naturalizaram o autoritarismo. Focalizamos mecanismos linguístico-discursivos — como eufemizações, metáforas bélicas e nominalizações opacas — que, ao serem mobilizados em documentos oficiais do regime, atuaram como apagamento parafrástico (Pêcheux, 1988), sustentando regimes de verdade e legitimando a censura à imprensa. Para tanto, delineamos os objetivos: a) Explorar mecanismos linguísticos autoritários utilizados para naturalizar violências durante a ditadura brasileira; b) discutir continuidades entre estratégias discursivas do regime militar e práticas contemporâneas de negação histórica ou relativização de violência estatal; c) relacionar as formulações de Orlandi (2007) e Pêcheux (1999) na compreensão dos efeitos de memória e esquecimento, identificando como essas noções operam na construção de narrativas hegemônicas. A discussão parte de um corpus constituído por documentos do período ditatorial, examinando como estruturas de esquecimento sistemático atuaram para institucionalizar versões unilaterais da história. Esses artefatos são confrontados com discursos contemporâneos que relativizam violações de direitos humanos ou negam fatos históricos, permitindo observar continuidades discursivas entre o léxico autoritário do regime e práticas atuais de revisionismo. Trazemos como exemplo a vagueza em expressões como “erros do passado” reproduz lógicas de desresponsabilização análogas às do período militar, reforçando o negacionismo como um efeito de memória seletiva, alimentado por silêncios institucionalizados. Metodologicamente, o minicurso integra exposição teórica e análise prática de textos, fomentando uma reflexão crítica coletiva. Inicialmente, problematiza-se a noção de neutralidade linguística, situando a linguagem como campo de disputa simbólica (Orlandi, 2007), para, em seguida, decupar os mecanismos discursivos identificados no corpus. Os participantes são convidados a exercitar a crítica arqueológica (Foucault, 2008), desvelando camadas de opacidade em documentos históricos e comparando-os a enunciados contemporâneos, a fim de identificar padrões de apagamento e ressignificação. A etapa final projeta implicações sociais e educacionais, discutindo estratégias de contra discurso para desmontar narrativas hegemônicas.

14h-17h

Sala: 107 (DPI)

O ideal artístico segundo Denis Diderot – *Kamila Babiuki*

Antes do estabelecimento atual do uso do termo ‘estética’, pensadores do século XVIII estavam debatendo assuntos desse escopo e elaborando argumentos que merecem nossa atenção. Nos concentraremos em um caso específico: a reflexão artística de Denis Diderot (1713-1784). O objetivo desse minicurso é apresentar em linhas gerais dois conceitos centrais da teoria estética de Denis Diderot: a ideia de “belo” e de “modelo ideal”. Vislumbraremos como um conceito se mostra complementar ao outro e exploraremos, em primeiro lugar, o conceito basilar de beleza para, em seguida, compreender qual o tipo de beleza ideal que compõe o melhor modelo artístico, isto é, o modelo ideal conforme o autor. Para tanto, abordaremos, igualmente, o princípio geral de composição, que, na pena de Diderot é válido tanto para as artes plásticas quanto para composições

literárias e teatrais. Conforme veremos, o autor discorda das determinações da instituição que representava a autoridade a respeito das artes plásticas no período, a saber, a Academia Real de Pintura e Escultura de Paris. No Iluminismo, Filosofia, Arte e Literatura andam unidas, de modo que as três serão contempladas no minicurso, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à forma dos textos e temas trazidos à tona. Analisaremos conjuntamente excertos de duas obras centrais, ambas de Diderot, o verbete “Belo”, da Enciclopédia, e o prefácio do Salão de 1767. A metodologia consistirá em aulas dialogadas e análise dos trechos indicados, seguido de debate. Recomenda-se a leitura prévia dos textos disponibilizados, ainda que não seja obrigatória para participação.

14h-17h

Sala: 106 (DP1)

Práticas de leitura e resistência à adversidade: experiências em contexto de socioeducação –
Amarilys Salomão, Bruna Brunetti, Caroline Fukuda, Rafael Ginane Bezerra

A oficina propõe um balanço reflexivo das atividades de mediação de leitura desenvolvidas, desde 2023, pela equipe do Projeto de Extensão Práticas de leitura e resistência à adversidade. Com base nas rodas de leitura realizadas semanalmente – e de forma ininterrupta – nos Centros de Socioeducação Joana Richa e Curitiba, a proposta articula relatos de experiência com discussões sobre formação de repertório, estratégias de mediação com ênfase na conversa literária e o papel dessa prática na formação de novos mediadores. Também serão debatidos os limites e as possibilidades do trabalho com a palavra escrita no contexto da socioeducação. De caráter introdutório, a oficina é voltada a pessoas interessadas em práticas de mediação de leitura e no campo da promoção da leitura em espaços de privação de liberdade.

14h-18h

Sala: 111 (DP1)

É o colapso, seu Edgar! Ficção, história e as figurações do trabalho na literatura de Ana Paula Maia –
Rafael Lucas Santos da Silva

Neste minicurso, o propósito é discutir sobre as figurações do trabalho na ficção da escritora Ana Paula Maia, a partir de uma perspectiva pouco explorada dentro de sua fortuna crítica: a relação entre forma literária e processo histórico-social, estudada no quadro do colapso da modernização. Para isso, selecionamos as obras *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2007) e *De gados e homens* (2013). Ana Paula Maia é uma jovem escritora, artífice de uma ficção elaborada na contramão do panorama literário brasileiro contemporâneo, no qual o trabalho é amplamente ausente como fundamento para escritores(as) construírem imagens, personagens, enredos, estruturas narrativas. Conforme Regina Dalcastagnè (2021, p. 127) constatou em suas pesquisas, as

personagens costumam não estar inseridas em um “espaço profissional”, destacando que: “é como se o trabalho – com todo o seu universo [...] não fosse um tema digno para a literatura [brasileira contemporânea]”, uma vez que não incorpora “o trabalho e os trabalhadores entre os seus protagonistas”. O minicurso, nesse contexto, apresenta as características das obras do corpus, destacando tanto seu ineditismo quanto as contradições no trato do tema entre classe e literatura, a fim de procurar delimitar, na conformação estética de sua ficção, a origem de sua matéria social, em articulação com as mutações estruturais do mundo do trabalho. Propomos que a fabulação e a construção de personagens correspondem a uma lógica de desintegração, em que o assalariamento formal já não estrutura o conjunto de relações sociais e econômicas, de modo que a violência presente nas narrativas pode ser compreendida a partir da mediação dessa lógica, lida em paralelo à noção de colapso da modernização, que, segundo Roberto Schwarz (1999, p. 160), provocou novas formas de sociabilidade em decorrência da “falência do desenvolvimentismo, o qual havia resolvido a sociedade [brasileira] de alto a abaixo, abre um período específico, essencialmente moderno [...]”, como “uma realidade material da história contemporânea”. Também recorreremos a estudos no âmbito da História Social do Trabalho e da Sociologia do Trabalho, como os desenvolvidos por Adalberto Cardoso (2019), Chico de Oliveira (2003) e Ruy Braga (2012). Com base na bibliografia selecionada, o minicurso será conduzido por meio de uma aula expositiva e dialogada, estruturada em etapas que promovem a socialização do conhecimento, a instrumentalização teórica e a discussão das obras *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2007) e *De gados e homens* (2013).

14h-18h

Sala: 114 (DP1)

Caminhos para o desenvolvimento do ensino científico de gramática nas aulas de Língua Portuguesa – *Fernanda Busko Woitchik*

Não é novidade que o ensino de gramática, tal como acontece no âmbito escolar, vem passando por percalços e recebendo diversas críticas. Em resumo, isso se deve a algumas razões, dentre elas: (i) trata-se de um processo de ensino-aprendizagem bastante descolado da realidade dos alunos, pautado na mera catalogação de sentenças e termos - que são apresentados a eles de maneira descontextualizada; (ii) não há uma participação ativa dos estudantes no desenvolvimento do conhecimento linguístico, isto é, a preocupação central desse modelo de ensino privilegia a memorização das nomenclaturas gramaticais; (iii) e o fato de que os estudantes parecem cada vez menos interessados nas aulas de Língua Portuguesa (LP). Tomando como base esse cenário, este minicurso objetiva primeiramente refletir sobre o papel da Gramática Tradicional nas aulas de gramática, o que tem sido amplamente discutido por linguistas, de maneira geral, visando uma abordagem desnaturalizada a respeito dela, ou seja, entendendo-a enquanto uma teoria sobre a língua, não como um manual absoluto que contém os únicos usos possíveis, neste caso, do português brasileiro. Em seguida, este minicurso pretende repensar o lugar da gramática nas aulas de LP, incorporando a concepção de que a gramática é, na realidade, um sistema organizado e

internalização de regras, inato ao ser humano, o qual possui competência para desenvolver uma língua a partir da exposição aos dados dela. Para isso, o presente curso propõe-se a analisar alguns materiais: descrições retiradas da Gramática Tradicional referentes a fenômenos linguísticos e descrições atualizadas do âmbito de pesquisa em Linguística quanto aos mesmos fenômenos; e exercícios selecionados no Livro Didático *Se Liga na Língua*, que compõe o PNLD de 2018. Concluídas essas discussões, o curso objetiva contemplar, por fim, uma discussão a respeito do ensino científico de gramática, esmiuçando: o que é este ensino, no que consiste sua metodologia (passo-a-passo metodológico e embasamento conceitual) e sequências didáticas elaboradas de acordo com tal método. Para promover essas reflexões, pretende-se abordar discussões provenientes de textos de alguns linguistas que têm se engajado na temática do ensino de português, tomando por base noções de língua e de gramática apresentadas por Chomsky (1986, 2021), como: Franchi (2006); Borges Neto (2013); Lobato (2015); Pires de Oliveira e Quarezemin (2016); Faraco (2017); Pilati (2017); Foltran, Knöpfle e Carreira (2017); Foltran, Lunguinho e Rodrigues (2020); Calindro e Rodrigues (2022); Coneglian e Neves (2023); Peregrino e Tescari Neto (2024) e outros.

20h30-22h10

Sala: 113 (DP1)

A historiografia literária brasileira como provocação à crise da história – *Pedro Biaobock e Lúcio Miguel Ruthes*

O objetivo do minicurso é apresentar a crise da historiografia literária da segunda metade do século XX aos dias atuais como um “índice de mutação” (PERRONE-MOISÉS, 2016) dos princípios norteadores da literatura, da história e das ciências humanas na alta modernidade. Para tal, o ensaio *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1967), de Hans Robert Jauss, assim como o artigo *História Literária: um gênero em crise* (2002), de Paulo Franchetti serão discutidos no intuito de buscar entender o declínio e a perda de prestígio da história da literatura enquanto disciplina e campo de pesquisa no meio nacional e internacional. Com isso em mente e constatando que a historiografia literária do Brasil está intimamente ligada ao princípio de formação nacional de uma literatura e também de uma identidade social (Franchetti, 2002), a história literária brasileira será pensada a partir de um artigo de Machado de Assis, intitulado *Instinto de Nacionalidade* (1873). Nesse texto, Machado reflete sobre o lugar do elemento nacional na nossa literatura e na formação do nosso país e sistema literário; com efeito, o autor fez um balanço do dito “instinto de nacionalidade” em suas manifestações - no romance, na poesia, no teatro e no uso da língua - na literatura brasileira de até então. Sendo os princípios norteadores de formação centrais à produção intelectual e literária do país (Candido, 2006), é natural que as histórias literárias canônicas em nossa historiografia tenham tido como norte a ideia da construção de uma identidade nacional pura, coesa, brasileira e totalmente nossa; se defensável anteriormente, tal ideia hoje é “inconcebível sem fraturas”, como diz Bueno (2021), em seu ensaio de história literária. A hipótese que se esboça no horizonte da história literária hoje, então, consiste em pensá-la não mais a partir de um princípio

de formação nacional, mas sim a partir de questões transversais que tenham afetado a literatura temática e formalmente (ibid., 2021). Desse modo, o seguinte minicurso buscará apresentar um modo possível de pensar e (re)escrever novas histórias da literatura, ao invés de simplesmente decretar o fim da disciplina (op. cit., 2002); não mais pautada no discurso formativo, a história literária poderá ser pensada e mobilizada a partir de outras visadas de conjunto, que deem conta de explicar o Brasil enquanto um país já formado – e não em vias de formação - com uma estrutura social desigual, excludente e injusta.

20h30-22h10

Sala: 114 (DP1)

A barraca de sucos dos escritos de Nietzsche: refrescos de filosofia que parecem filologia e têm gosto de literatura – Rodrigo Francisco Barbosa

Há dois episódios da série mexicana “Chaves” (El Chavo del Ocho, 1972-1983) intitulados “Nem todos os bons negócios são negócios da China” (La Tienda del Chavo - parte 1) e “Refrescos numa fria” (La Tienda del Chavo - parte 2) em que o personagem Chaves começa a empreender vendendo refrescos na entrada da vila em que mora. Ele apresenta as 3 opções de refrescos de modo tão paradoxalmente confuso que os sabores até mudam de um episódio para o outro. Primeiro, as opções são: “o de groselha que parece limão e tem gosto de tamarindo”, o “de tamarindo que parece groselha e tem gosto de limão” e o “de limão que parece tamarindo e tem gosto de groselha”. Depois, na mesma confusão do primeiro episódio, o sabor de groselha é substituído pelo de laranja, mas o malabarismo entre o que é, o que parece e o que tem gosto de, continua o mesmo: “é de laranja que parece limão e tem gosto de tamarindo”. Análogo às cenas desses episódios, eu gostaria de realizar um exercício de leitura que vê no experimentalismo da forma do pensamento de Nietzsche, também uma experimentação poética que complexifica as relações entre “forma” e “quebra da forma”. Na esteira da recepção do pensamento de Claus Zittel, com especial atenção à publicação para português brasileiro de “Filosofia da forma: estudos sobre estética e poética em Nietzsche”, eu me engajo nesse jogo onírico do universo paródico do personagem Chaves para interpretar a performance dos escritos de Nietzsche enquanto uma experimentação poética que mata a sede dos leitores protagonistas, ao mesmo tempo que produz riso e burla nos espectadores que observam sua barraca de sucos: a multiplicidade de forma dos escritos, que obstrui a ideia mesma de forma na tradição, tensiona um novo tipo de experimentalismo da forma em que os textos são-parecem-e-tem-gosto de tipos diferentes de refrescos para matar a sede, como na cena de Chaves. Portanto, neste mini curso o participante será apresentado à hipótese geral de uma “estética da forma” no pensamento de Nietzsche em interlocução com Zittel. Terá acesso ao debate sobre a multiplicidade de formas dos escritos, à luz de uma instrumentalização e indiscernibilidade entre as áreas da filosofia, filologia e literatura nos escritos do filósofo. Assim, em diálogo com a Pesquisa-Nietzsche, o presente minicurso busca refletir sobre o alcance de uma hipótese que repensa, via Barbara Cassin, o “face-a-face” entre a filosofia e seus “Outros” no pensamento de

Nietzsche. Nesse sentido, é uma tentativa de extrair desse “face-a-face” toda sua produtividade possível para interpretar os escritos do filósofo de maneira inventiva, mesmo que isso nos faça, em alguns momentos, beber a água suja de lavar os copos que é confundida com os refrescos da barraca de Nietzsche.

20h30-22h10

Sala: 1111 (DP1)

Mobilidade, fronteira e alteridade da expressão de Valeria Luiselli – *Natasha Luiza Nunes Feuser*

O minicurso abordará a alteridade da expressão da escritora mexicana Valeria Luiselli - que revela muito de sua identidade híbrida ao escrever sobre a fronteira México/Estados Unidos e as crianças imigrantes que ali passam - justamente por ser uma mexicana radicada nos Estados Unidos e ser tradutora voluntária no tribunal de imigração, em Nova York. Tendo como referência a noção de chicano, tal como debatida por Glória E. Anzaldúa em seu livro *Borderlands/La Frontera: La nueva Mestiza*, o minicurso abordará como os escritores que passaram por uma mobilidade radical criam uma nova identidade em seu espaço de vivência - assim, expressando sua subjetividade em seu texto literário, que emerge de um estar-entre-lugares. Para tanto, seleciono a obra *Arquivo das crianças perdidas*, de Valeria Luiselli, e procuro verificar de que maneira o seu livro expõe a sua capacidade de navegar entre as duas línguas e ambientes em que está inserida, de forma fluída, porém tensa, buscando pertencimento e sempre preocupada com o seu lugar de origem.

SEXTA-FEIRA (30/05)

8h-10h

Anfi 700 (DP1)

Uso de brincadeiras e jogos como ensino de língua e pertencimento sócio afetivo e cultural – *Sabrina Isabel Dauer e Ana Letícia Corrêa*

Temos como objetivo expor o uso de brincadeiras e jogos de diferentes ambientes culturais como maneira de trabalhar o uso da língua estrangeira em sala de aula, objetivando não apenas explorar o vocabulário e a utilização da linguagem, mas explorar o pertencimento sócio afetivo e oferecer aos estudantes um ambiente de compartilhamento cultural. Nosso público alvo não é somente as crianças, mas toda a comunidade acadêmica que trabalha com o português como língua de acolhimento.

8h-10h

Sala: Sala 1111 (DP1)

Die deutsche Sprache erleben - Oportunidades e possibilidades para os estudantes de alemão da UFPR – *Stefany do Nascimento dos Santos*

Estudar a língua alemã pode ser, muitas vezes, desafiador. Partindo desse pressuposto, procura-se, nesse minicurso, apresentar aos estudantes de alemão algumas possibilidades de intercâmbio, oportunidades de trabalho em Curitiba e na própria UFPR, as bolsas de iniciação científica e monitoria oferecidas dentro da área do alemão, além de possíveis oportunidades de mestrado. A partir de uma troca de experiências e de uma explicação geral com instruções, documentos necessários e contatos para as oportunidades mencionadas, pretende-se auxiliar o estudante a se localizar enquanto aluno de língua alemã e conhecer, de forma mais clara, as possíveis perspectivas e chances dentro dessa comunidade

14h-18h

Sala: Lab 03

Conversação em Japonês – Nível Introdutório – *Thalya Rosa Pereira*

O minicurso Conversação em Japonês – Nível Introdutório é uma iniciativa vinculada ao projeto de extensão Línguas em Diálogo (<https://www.linguasemdialogo.info/>), que promove o ensino de línguas minoritárias e a valorização da diversidade linguística. Utilizando como recurso didático o livro Irodori: língua japonesa para a vivência no Japão (Nível Introdutório, A1), o curso tem como objetivo introduzir os participantes a situações comunicativas básicas do japonês, com foco em: Cumprimentos e apresentações pessoais; Expressões do cotidiano; Vocabulário prático para situações simples. Através de atividades interativas e dinâmicas, os participantes terão a oportunidade de vivenciar situações reais de comunicação. Ideal para iniciantes que desejam dar os primeiros passos no idioma ou consolidar noções básicas.

14h-18h

Sala: 1112 (DP1)

Problematizando discursos xenófobos na educação linguística – *Valdiney Lobo*

O presente minicurso visa problematizar a importância da educação anti xenófoba na formação docente do curso de Letras. Tendo em vista a crescente migração Sul-Sul para o Brasil, o que acarreta na presença de diversos migrantes em muitos Estados do Brasil, e a Lei de Migração (Brasil, 2017), é importante e necessário pensar na presença dessas pessoas na sociedade, mais especificamente no mercado de trabalho, no acesso à saúde pública e na inserção na educação básica e superior públicas. De acordo com dados do ObMigra (2024), nos últimos anos, em 2022 e 2023,

houve um aumento da migração de haitianos, venezuelanos e cubanos para a região Sul do Brasil, principalmente por questões laborais, destacando-se as cidades de Foz do Iguaçu e Curitiba, no Paraná e Chapecó, em Santa Catarina. Por outro lado, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Brasil, 2024), o número de casos de racismo aumentou 128%, de 2022 para 2023. Isto posto, é importante refletir até que ponto o crescimento de tais casos pode ter sido motivado pelo incremento da migração Sul-Sul? Qual é a relevância do professor de línguas materna e adicional propiciar tais discussões em sua sala de aula, a fim de contribuir para a justiça social? Como é possível produzir materiais didáticos que evidenciem e problematize discursos xenófobos sofridos por migrantes na região Sul, mais especificamente em Curitiba? Isto posto, este minicurso busca contribuir para tais reflexões na formação de docentes de Letras

14h-18h

Sala: 107 (DP1)

Entre Traços e Pincéis: A Arte através da Escrita e da Caligrafia Chinesa – *Vinicius Laurentino e Jessica Wu*

O minicurso “Entre Traços e Pincéis: A Arte através da Escrita e da Caligrafia Chinesa” tem como objetivo geral proporcionar uma compreensão ampla e acessível acerca dos sistemas de escrita do mandarim, abordando seus aspectos linguísticos, estruturais, históricos e culturais. Durante o minicurso, os participantes serão introduzidos aos princípios fundamentais da formação dos caracteres chineses, incluindo o conceito de traços (笔画, bǐhuà), ordem dos traços e radicais (部首, bùshǒu), com ênfase na prática de escrita dos ideogramas (象形字, xiàngxíngzì). Além disso, será apresentada a figura lendária de Cang Jie (仓颉, Cāng Jié), tradicionalmente creditado como o criador dos primeiros caracteres chineses, representando a origem mítica e simbólica da escrita chinesa, na qual reflete a profunda conexão entre o ser humano, a natureza e o cosmos. Além disso, será exibido, ainda, um panorama de desenvolvimento histórico do mandarim, com registros e transformações dos caracteres ao longo do tempo, até os dias atuais. Por fim, ao término do minicurso, os participantes serão convidados a realizar uma prática de escrita voltada para a caligrafia (书法, shūfǎ). Esta prática permite expressar a arte e as emoções por meio da escrita, criando um espaço para refletir acerca da beleza, complexidade e riqueza dessa forma de arte, que permanece viva até os dias atuais em regiões com presença de comunidades chinesas e em países onde o mandarim é considerado língua oficial.

14h-18h

Sala: 112 (DP1)

Ghosts & shells: assombrologia e desejo na cultura otaku – *Guilherme Conde Moura Pereira*

O disparador do minicurso é o texto “A dakimakura flutuante”, da pesquisadora e artista

portuguesa Ana Matilde Sousa, conhecida como Hetamoé. Publicado originalmente no blogue L'Obéissance est morte, o texto se desdobrou em dois verbetes na tese de doutorado da autora, a Cutencyclopedia: “Floating dakimakura” e “(betamale)”. Sousa desenvolve uma longa análise de alguns aspectos da cultura otaku a partir de uma fotografia que mostra uma dakimakura – um body pillow estampado com personagens de animê – jogada em um rio de águas turvas junto com outros detritos. Um dos conceitos centrais em seu pensamento é o de hantologie (hautologia, ou rondologia, ou assombrologia), desenvolvido originalmente por Jacques Derrida (1994), em Espectros de Marx, que sugere uma dinâmica histórica em que o presente é constantemente assombrado por fantasmas do passado e do futuro. Nesse sentido, o objetivo do minicurso é investigar de que modo se constrói na cultura otaku um movimento de fantasmagorias culturais, que, a todo momento, nos confronta com temporalidades singulares, passados soterrados, futuros possíveis ou a ausência de futuro.

14h-18h

Sala: 115 (DP1)

A mimesis n’*A República* de Platão (Livros III e X) e na *Poética* de Aristóteles (1448b4-29) – Izis Tomass

O mini curso destina-se a ser uma breve introdução às noções de mimesis presentes n’*A República* de Platão (Livros III e X) e na *Poética* de Aristóteles (1448b4-29). O curso se concentrará tanto na crítica de Platão aos poetas pelo que se poderia chamar de vias ética, ontológica e epistemológica, quanto no posicionamento aristotélico, de certo modo crítico a Platão, em uma visão favorável à mimesis através de uma perspectiva predominantemente epistemológica.

14h-18h

Sala: 116 (DP1)

A modernidade em *O desaparecido*, de Franz Kafka – Vanessa de Paula Hey

Este minicurso propõe um estudo introdutório de *O desaparecido* (Der Verschollene), de Franz Kafka, escrito entre 1912 e 1914 e publicado postumamente em 1927. Primeiro romance do autor – e, como *O processo* e *O castelo*, uma obra inacabada –, a narrativa será o ponto de partida para refletir sobre as representações da modernidade e do sujeito moderno na literatura kafkiana. Para enriquecer a análise, dialogaremos com os seguintes ensaios críticos: *Anotações sobre Kafka* (1953), de Theodor Adorno, *Kafka e o romance moderno* (1968), de Anatol Rosenfeld e Franz Kafka. *A propósito do décimo aniversário de sua morte*” (1934), de Walter Benjamin.